



**ORFEU**



**NEGR O**



**MARINA GARCÉS** é filósofa, ensaísta e professora na Universidade Aberta da Catalunha, onde dirige o mestrado em Filosofia para os Desafios Contemporâneos e o grupo de investigação MUSSOL. Tem participado em diversos projectos colectivos de experimentação pedagógica, cultural e social e é uma das principais impulsionadoras do colectivo de pensamento crítico «Espai en Blanc». Publicou vários livros, dos quais destacamos *Un mundo común* (2012), *Filosofia Inacabada* (2015), *Escuela de Aprendices* (2020), *O Tempo da Promessa* (Orfeu Negro, 2025) e o presente ensaio, distinguido com o prémio Cidade de Barcelona 2017, na categoria Ensaio, Ciências Sociais e Humanidades. As suas obras têm sido traduzidas em várias línguas.

2.<sup>a</sup> edição

# **Novo Iluminismo Radical**

**Marina  
Garcês**

Obra publicada originalmente por Editorial Anagrama  
(Barcelona, 2017).

TÍTULO ORIGINAL

Nueva ilustración radical

AUTORA

Marina Garcés

TRADUÇÃO

Helena Pitta

REVISÃO

João Berhan

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Europress – Indústria Gráfica

COPYRIGHT

© 2023 Orfeu Negro

© 2017 Marina Garcés e Anagrama

Publicado originalmente por acordo com Indent Literary Agency LLC  
e para edições subsequentes com Galaxia Gutenberg S.L., Barcelona

2.ª EDIÇÃO

Lisboa, Junho 2025

[1.ª ed. Outubro 2023]

DL 548899/25

ISBN 978-989-9071-79-7

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

[www.orfeunegro.org](http://www.orfeunegro.org)

# ÍNDICE

## **Preâmbulo** **9**

## **1. Condição póstuma** **17**

INSUSTENTABILIDADE 22

DEPOIS DA PÓS-MODERNIDADE 28

A CATÁSTROFE DO TEMPO 34

## **2. Radicalismo iluminista** **41**

SERVIDÃO CULTURAL 50

ANALFABETISMO ILUSTRADO 57

NEUTRALIZAÇÕES DA CRÍTICA 61

A INTELIGÊNCIA DELEGADA 67

## **3. Humanidades em transição** **73**

HIPÓTESE 1 76

HIPÓTESE 2 81

HIPÓTESE 3 84

HIPÓTESE 4 87

HIPÓTESE 5 90

# Preâmbulo

O mundo contemporâneo é radicalmente anti-iluminista. Se, em 1784, Kant anunciava que as sociedades europeias de então estavam em tempos iluministas, hoje podemos dizer que estamos, em todo o planeta, em tempos de anti-iluminismo. Ele usava o termo com um sentido dinâmico: o iluminismo não era um estado, era uma tarefa. Nós também: o anti-iluminismo não é um estado, é uma guerra.

As faces desta guerra anti-iluminista são muitas e multiplicam-se todos os dias. No domínio político, cresce uma apetência autoritária que faz do despotismo e da violência uma nova força mobilizadora. Podemos chamar-lhe populismo, mas esse é um termo confuso. Do que se trata é de um novo autoritarismo que permeia toda a sociedade. No plano cultural, triunfam as identidades defensivas e ofensivas. A cristandade branca e ocidental refugia-se nos seus valores, ao mesmo tempo que se desencadeia uma revolta antiocidental em muitas partes do mundo, mesmo por parte do pensamento crítico ocidental, que rejeita a sua própria genealogia. Em todos os domínios, o que triunfa é um fascínio pelo pré-moderno: tudo o que havia «antes» era melhor. Como explicou Zygmunt Bauman no seu livro póstumo, é o refúgio do que ele chama «retrotopias», ou seja, utopias que se projectam num passado

idealizado: da vida tribal à exaltação de qualquer forma de vida pré-colonial, pelo simples facto de o ser. A educação, o saber e a ciência mergulham, também hoje, num desprestígio, do qual só conseguirão salvar-se se forem capazes de apresentar soluções concretas para a sociedade: soluções laborais, soluções técnicas, soluções económicas. O solucionismo é a justificação de um saber que perdeu o apanágio de nos tornar melhores, como pessoas e como sociedade. Já não acreditamos nisso e, por essa razão, pedimos soluções e nada mais que soluções. Já não equacionamos tornarmo-nos melhores, mas tão-só obter mais ou menos privilégios num tempo que não leva a lado nenhum, porque renunciou a direccionar-se para um futuro melhor.

A guerra anti-iluminista legitima um regime social, cultural e político baseado na credulidade voluntária. Kant, no seu famoso ensaio *Resposta à Pergunta: O que São as Luzes?*, falava da «menoridade auto-imposta do homem». Hoje, mais do que menoridade, o que temos é uma sociedade adulta, ou antes, senil, que está disposta cinicamente a acreditar, ou a mostrar que acredita, no que mais lhe convém em cada momento. Os meios de comunicação chamam a isto pós-verdade. Mas este é também um termo «retrotópico», porque faz parecer que a verdade é o que deixámos para



trás, num passado melhor. Não há mais nem menos verdade no passado. O que há são diversas formas de combater a credulidade que nos oprime em cada época. Precisamos de encontrar o nosso combate particular contra o sistema de credulidade do nosso tempo. Esta impotência actual tem um nome: analfabetismo ilustrado. Sabemos tudo, mas não podemos nada. Com todos os conhecimentos da humanidade à nossa disposição, só conseguimos travar ou acelerar a nossa queda no abismo.

O iluminismo radical foi um combate contra a credulidade, a partir da confiança na natureza humana para se emancipar e se tornar melhor. A sua arma: a crítica. Não podemos confundir esta aposta radicalmente crítica com o projecto de modernização que, com a expansão do capitalismo através do colonialismo, dominou o mundo nos três últimos séculos. Há uma distância entre o projecto civilizacional de dominação e a aposta crítica na emancipação que precisa de ser novamente explorada. Depois da Segunda Guerra Mundial, Adorno e Horkheimer escreveram o seu famoso epitáfio sobre o presente em *Dialéctica do Iluminismo*:

O Iluminismo, no sentido mais amplo de pensamento em contínuo progresso, perseguiu desde sempre o



objectivo de libertar os homens do medo e de os tornar senhores de si próprios. Mas a terra inteiramente iluminada resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal.

Desde então, iluminismo e calamidade são termos quase sinónimos. Mas esta identificação contém outra: que libertar os homens do medo e torná-los senhores de si próprios é o mesmo. Mas será realmente assim? Dada a magnitude actual da calamidade, que pôs a própria espécie humana no limite da sua sustentabilidade, talvez tenha chegado o momento de averiguar as implicações desta afirmação e desta dupla identificação. Que qualquer libertação termina em novas formas de dominação ainda mais terríveis e que qualquer saber mobiliza novas relações de poder é uma obviedade. Mas é também o argumento reaccionário com o qual se condenou qualquer tentativa radical de transformar o mundo e de impulsionar o desejo, pessoal e colectivo, de emancipação. Assim, chegámos a aceitar como um dogma a irreversibilidade da catástrofe. Por isso, para além da modernidade que desenhou um futuro para todos, e da pós-modernidade que celebrou um presente inesgotável para cada um, a nossa época é também a da condição póstuma: sobrevivemos, uns contra os outros, num tempo que só diminui.



E se nos atrevêssemos a pensar, novamente, na relação entre saber e emancipação? Parecem palavras gastas e ingénuas. Mas é este justamente o efeito desmobilizador que o poder persegue hoje: ridicularizar a capacidade de nos auto-educarmos para construirmos, em conjunto, um mundo mais habitável e mais justo. Propõem-nos todo o tipo de *gadgets* para a salvação: tecnologia e discursos *a la carte*. Líderes e bandeiras. Siglas. Bombas. Embarcam-nos em projectos de inteligência delegada, nos quais, finalmente, poderemos ser tão estúpidos como os humanos demonstraram ser, porque o mundo e os seus dirigentes serão inteligentes por nós. Um mundo *smart* para habitantes irremediavelmente idiotas.

Já não estamos mergulhados na dialéctica entre o desencantamento e o desencanto que encheu de sombras a cultura dos séculos XIX e XX. Estamos à porta de uma rendição. A rendição do género humano relativamente à tarefa de aprender e de se auto-educar para viver mais dignamente. Diante desta rendição, proponho pensarmos num novo iluminismo radical. Retomarmos o combate contra a credulidade e afirmarmos a liberdade e a dignidade da experiência humana na sua capacidade para aprender acerca de si mesma. A dada altura, este combate foi revolucionário. Agora é necessário. Então, a sua luz projectou-se como

um universal expansivo e prometedor, invasivo e dominador. Agora, na era planetária, podemos aprender a conjugar um universal recíproco e acolhedor.

Um ensaio é escrita em curso. Algumas linhas deste ensaio foram elaboradas em conferências recentes, como «Inacabar o Mundo» (CCCB Barcelona), «Humanidades em Transição» (Institut d'Humanitats, Barcelona), «Um Saber Realmente Útil» (Museu Reina Sofía, Madrid), «A Força da Fome» (MCBA, Barcelona) ou «Condição Póstuma» (Mextrópoli, México). Também foram partilhadas e discutidas com os participantes, a quem agradeço a cumplicidade, na Universidade Aberta do Institut d'Humanitats (Barcelona) e no Seminário de Filosofia da Fundação Juan March (Madrid). O conjunto resultante é uma antecipação de trabalhos vindouros.